



# Gaiato

25 DE FEVEREIRO DE 1967  
ANO XXIII — N.º 599 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA \* FUNDADOR: Padre Américo \* VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINZENÁRIO  
PRÓPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS \* LIGOMAGOS E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## Filhos ilegítimos?

A bela página a que nos referimos no último artigo, põe-nos uma pergunta:

— A lei compete a valorização subjectiva da filiação?; ou, antes, regular os deveres e direitos que ela objectivamente implica?

Depois de falar na «união plena dos pais com os filhos» que «se gera no mistério da união dos dois cônjuges (...), nesta maravilhosa permuta de personalidades e de vidas (...), pela qual se mede o valor imenso que a filiação tem para os pais» — o legislador acrescenta: «Por parte dos filhos, (...) sabendo-se assim gerados, eles sentem que não são mero fruto da matéria, que não são oriundos apenas do corpo dos pais, nem nasceram por simples obra do acaso, mas que provêm da doação integral de duas almas — de um acto de amor, de uma vida de amor — e esse é, decerto, um dos mais elevados títulos de nobreza de ser humano.

Nisto tudo — que não é mais do que a essência do matrimónio posta em acto — reside o segredo profundo daquela união íntima que constitui a filiação (...).

Parece pois que é «a essência do matrimónio posta em acto» que «constitui a filiação». E assim, quando não houver matrimónio, o que constitui a filiação? Reduzir-se-á a uma noção abstracta, sem existência real considerada? Custa-me a admitir que sim! Mas que deprender das palavras que seguem?:

«Fora do casamento, pelo contrário, o acto procriador é praticado à margem da vida, tomada esta como realização dinâmica e racional da personalidade (...) Não é, pois,

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Andamos a dar um pequeno arranjo nas nossas oficinas de Serralharia e Carpintaria. Os rapazes já não cabiam com suas actividades. Não ficamos bem remediados, mas vamos lutando e esperando.

Gostaríamos de ter oficinas muito espaçosas, bem apetrechadas e com grande movimento. Mas não temos. Nós partimos sempre do nada. Uma coisa nos basta para começar — o rapaz a desabrochar para a vida. Aqui está o motor de arranque. Temos começado assim todas as coisas. Todas as coisas grandes começam por ser pequeninas.

## Tribuna de Coimbra

Para já as nossas oficinas têm ar em abundância e a luz é clara em todos os cantos. Os rapazes sentem sua a oficina. Eles têm as contas em suas mãos. Eles vão entregar os trabalhos feitos. Eles vão receber contas atrasadas. Eles reúnem todas as semanas

e discutem seus problemas de oficina. Põem o dedo no mal.

As nossas oficinas, depois da Capela e da Escola, são a grande força regeneradora, visto que o campo já não atrai ninguém. O rapaz depois da escola (ou ainda durante) decide-se. Vê as máquinas, sente o barulho, apalpa as coisas feitas, participa da alegria dos artistas, começa a viver o seu futuro. Toma rumo. As nossas oficinas são escola para a vida.

Procuramos que o rapaz comece a sentir conscientemente que deve comer o pão com suor do

Continua na TERCEIRA pág.

## FESTAS

Desta vez é em Paço de Sousa que escrevo, mas com o pé no estribo. Vim encontrar João com a sua velha calma, satisfeito por ter o poema da sua opereta concluído; menos contente por não ter ainda completa a instrumentação; e embebido desde a manhã até à noite (até deshoras às vezes...) com os ensaios e a preparação de todos os precisos.

Já sei que o guarda-roupa lhe exige menos cuidados do que nos anos passados, a compensá-lo um pouco do excesso deles no que respeita à direcção do espectáculo. Eu vou tirando dele umas informações, como quem não quer a coisa, até que ele dá fé de que está a ser levado. Então, sorri e fecha-se. E eu que faça artigos poéticos, como quer o Júlio!

Agora mesmo este dactilografa, ao pé de mim, as cartas que hão-de ir ter às terras aonde contamos ir. Há já várias respostas novas, tão acolhedoras, como já é costume recebermos dos palcos várias vezes pisados. É a primeira consoladela que

este empreendimento nos causa. Quantas mais, se Deus quiser, havemos de ter; tantas que nem as merecemos.

Sempre, nestes momentos, em surge ao pensamento a responsabilidade que este acolhimento nos confere. E bem queremos que os nossos rapazes partilhem dela. Esse o primeiro e maior lucro das nossas Festas. Depois, o maior amor do Povo que já nos ama e o princípio dele para os que vão ter oportunidade de travar conhecimento conosco. Amor e amor, compreensão, comunhão de vidas — eis os valores movimentados e que desejamos ver crescer.

Esperamos que assim seja. E que os nossos rapazes, peregrinando por esse país além, levem Cristo aos homens numa procissão de alegria (que é meio favorável à expansão do cristianismo); e voltem mais ricos de Cristo, recebido no amor dos irmãos.

E agora atenção aos anúncios por aí espalhados e que não falte ninguém dos a quem Deus nos envia.

## Malanje

Precisamente, neste Natal, recebi da Lunda um diamante puro — um menino de oito

anos. Este é já o terceiro! Três pedras de bom toque deitadas fora como coisa que não presta... E bem mais valiosas do que as outras que, ciosamente, se buscam, se guardam e se vendem.

Pois eu estou encantado com os meus três rubis! O Quim é filósofo. O António é cantor. O terceiro gosta do que é dos outros... Mas ele vai emendar-se e mostrar à sociedade o que vale o Homem quando ao ser retirado do lixo é tido como tal.

x x x

Fui a uma terra repetir o meu disco: Crianças abandonadas, Pobres e ricos. Destes, poucos se chegam a ouvir, ou vêm à fala. É pena. No tempo do Senhor foi igual. E o

Jovem que se chegou, retirou-se triste.

Os Pobres e os que sentem na carne a dureza da vida, ouvem e compreendem. Como aquela senhora ainda nova, mas que o marido abandonou: «Tome, padre, custa-me ser tão pouco, mas tenho que sustentar os meus pais» — e retirou-se em silêncio.

O envelope branco que meti no bolso!

A beleza que ela construiu!

E, todos os dias, um mundo de beleza! mesmo em frente à barreira da ambição que não conduz a qualquer porto. Antes, a sua realização na prática e sob milhentas formas faz a miséria de muitos e emperra a promoção humana.

Continua na QUARTA página

# AGORA

Antes que se junte outra Procição, e tamanha!, aqui vai o prometido desfile das Casas a prestações. É a «Casa Pai Américo» da que já levantou (e de que modo!) a «Casa de minha Mãe» e aparece muitas vezes, a muitos pretextos, sempre discreta, sempre humilde, como quem agradece que lhe aceitem os dons. Que Deus nos perdoe o valermos nós tão pouco!

Segue-a a «Mãe que crê em Deus» com cinco presenças e os seus desabaços cheios de confiança. A Ana e o Pedro com mais uma pedra, e outra, para a «Casa do Espírito Santo». M. M. - A. L. três vezes, substanciais na presença quanto parques em palavras. O da «Casa Renovação de uma promessa» com mais 100. A da «Casa S. Bernardo» com mais 4x500\$, fica em 15 contos. Igual pedra é a que incrementa a «Casa S. Carlos». É a nona! Mais 5.500\$, 2.ª prestação da Beira, para a «Casa de N. S.ª das Dores dos Congregados». Falta só um conto para uma casa de 12. E o casal nosso correspondente acrescenta: «Não temos casa nem dinheiro, mas foi uma promessa a N. S.ª das Dores, que sempre nos tem amparado e dado o suficiente para vivermos com o necessário, mas sem luxo. Trabalhamos de dia para comermos à noite, como soe dizem-se, mas somos muito felizes porque vivemos todos em grande paz e harmonia».

'Agora é a Mãe das três Marias quem passa com o seu quádruplo recado... Apesar das «migalhinhas tão pequenas e tão espaçadas, que, a não ser um milagre, eu nunca chegarei ao fim», ela já vai em 6.200\$. O casal-assinante 28.562 fica na 131.ª prestação.

Segue a Mãe dos Estudantes com mais mil para a Casa deles. Registámos o seu desejo de anonimato (Ah! quem figura nesta Procição que não seja só conhecido, nosso e alguns só de Deus?!). Porém, quanto ao jornal é que não pode ser (nem nunca foi) porque tem de haver um ficheiro pelo qual se endereça e no qual se inscreve o estado das contas de cada assinante. A «Casa de S. Francisco» fica na 79.ª pedra de 200\$. Passa Ana, de Newary com 20 dólares para a sua casa e outros 20 no Dia

de Acção de Graças. Ouçamos o seu testemunho:

«De muitas coisas e de muitas leis que este país (os Estados Unidos) tem, uma que eu muito admiro, é esta lei oficial de dar um dia pago ao seu povo para agradecer a Deus o que recebeu durante um ano.

Em muitas fábricas nas vésperas deste dia, o dono vem apertar a mão aos seus operários e lhe dá um grande perú a cada um.

É preciso viver aqui para os saber compreender.

Em Acção de Graças, mando 20 «dolares» para a contribuição da minha casa, que não vai tão depressa como eu desejava mas há-de ir até ao fim se Deus o permitir».

Outra vez a Beira, do Indico. É Cruz e a «Casa do Meu Pai», com 100+350+150+250. E a Maria Helena, de Torres Novas com mais 200 a juntar aos 1.200 que já estão.

É a vez da «Casa Perdoai-nos Jesus» subir mais 2 contos e este desabaço:

«Vai muito devagar porque é tirado aos pouquinhos dum ordenado de 2.400\$ mensais. Deus sabe a ginástica que tenho de fazer, tenho que suprimir muita coisa, ao comer e ao vestir. Mas com a Graça de Deus nunca me fez falta o que tiro com este fim. Pedia-lhe as suas orações por um filho que anda na vida do pecado. Acuda a uma Mãe aflita, uma grande pecadora. Louvado seja Jesus».

Mais 500\$ prá «Casa N. S.ª da Boa Hora». E o dobro prá «Casa Sagrada Família». É um «Romeiro do Porto», que aparece ao menos, uma vez cada ano. Mais 700\$ prá «Casa do António e do Fernando».

O assinante 22113 de Lourenço Marques, vai quase em meio caminho da «Vivenda de S. José», que deseja, se possível, perto de Amarante. Eu creio que será. A «Casa de S. Judas Tadeu» fica em 3 contos e não deixará de ir andando, apesar da sua construtora estar na Suíça. Mais 100 para a «Casa de S. to António» e cinco vezes mais prá de S. Joaquim».

O do rosário de casas, com

Cont. da PRIMEIRA pág.

um acto de vida, mas de morte, por detrás do qual não se descobre mais do que a abdicação da personalidade, a traição e o engano, o menosprezo da moral, numa palavra».

Ora estas palavras qualificam o acto procriador, não se referem à filiação. Talvez, porque sendo o acto procriador assim um «acto de morte», a sua consequência é um nado-morto — e a filiação parece não ter existência real admitida.

Mais uma vez me parece estabelecida a confusão entre ordem moral e ordem de natureza; e lançadas as consequências sobre a vítima em vez de sobre os prevaricadores.

Todos aqueles títulos excelsos que o legislador canta a respeito da filiação que classifica de legítima, são autênticos, e em geral eficazes, quando os pais são legítimos não apenas porque se uniram pelo matrimónio, mas porque procuram viver em acto uma vida de doação mútua, uma vida de amor conforme à LEI. Mas será a filiação esta mútua entrega, esta vivência de amor? Os títulos não são atributos de uma substância que é, nem mais nem menos, uma pessoa e não é somente uma figura jurídica? Conciliar-se-á com o ter os pés na Terra, para a qual se legisla, mergulhar a cabeça nas alturas de belas cogitações sobre a filiação, sem ter em mente que tal substantivo se concretiza em filhos — seres humanos, sujeitos de direitos e de deveres?

Se a filiação proveniente de uma união legítima (e nós teimamos em acrescentar que esta legitimidade só o é se actualizada pelo tempo

as prestações dos três últimos meses do ano passado, terminou a «Casa Calvário». E já começou o mistério seguinte Crucifixo. Um ano mais e entraremos nos mistérios gloriosos. Registamos agora a presença da «Casa do Eduardo». São duas remessas que totalizam 3.000\$. E a casa fica em 17.350\$00. Mais 600\$ (por várias vezes) do assinante 6790. Metade para a «Casa Benedita» que esperamos fique talvez em Tabuaço.

E tornamos com notícias de Luanda, de onde o Assinante 14.896 nos envia 3 contos «para início de três casas que poderão ser identificadas, para efeito de contas, com as iniciais JALUSU, que me proponho levar a cabo o mais depressa que puder e que periodicamente irei perfazendo os fundos «tedricamente estabelecidos» como necessários, pelo Património dos Pobres».

# Filhos ilegítimos?

em fora) merece tais títulos, a filiação dita ilegítima não os terá..., mas não tira aos filhos que assim nasceram o merecimento aos direitos e deveres de que é capaz todo o ser humano, capacidade cujo reconhecimento a sociedade lhes deve e por cuja eficácia mais motivos tem para combater.

Daqui segue-se uma vez mais que a foz de todas as conclusões é sempre a mesma: a ilegitimidade que a lei profere na sua nomenclatura,

não é palavra para ser atribuída arbitrariamente, dado que tem em si razão de opróbrio.

Para uma lei legítima — a que procura conformar-se á LEI — deve ser, pelo contrário, título para se debruçar sobre os que assim nasceram com dobrada solicitude, consciência do grave dever de reparação que lhe incumbe em relação aos que, tendo nascido em condições de ilegitimidade, não são necessariamente ilegítimos.



Que todos os nossos Benfeitores tenham recebido do Menino Deus as melhores Graças, conforme pedimos em nossas orações, durante toda a Quarta Natalícia e especialmente na Festa da Sagrada Família, a 8 de Janeiro. É este o único meio mas, sem dúvida, o mais eficaz que temos de retribuir todo o interesse e carinho de que somos alvo.

Houvesse suficientes doações de vidas, que permitissem corresponder a este grande apoio material e Belém já teria evoluído muitíssimo mais. Mas é mais difícil darmos-nos do que dar algo do que nos pertence.

Para que se prove o que aí digo, têm agora a palavra os Benfeitores.

Aquele Senhor do Porto, que há tempos nos escreveu, informou-nos de que teve de adiar para a Primavera a sua prometida visita, mas, entretanto, foi dando a «machadada» na importância da dívida entregando 20 contos no «Espelho da Moda».

Do Governo Civil de Viseu não faltou o costumado subsídio anual de 10 contos. Também a Comissão Municipal de Assistência nos acudiu com um subsídio de 2 contos e meio. A Junta da nossa Freguesia também veio em nossa ajuda com 150\$ pela mão do seu Presidente. A Companhia Nacional de Electricidade lembrou-nos com 2 contos. Da Companhia de Seguros Tagus vieram 100\$.

Também este ano os Armazéns António das Águas nos brindaram com 50\$. Os Rotários, de Viseu, entregaram 4 cobertores.

De Inglaterra vale de 1.000\$, assinado por Aida e Magdalena que já nos habituámos a ver comparecer todos os anos.

Teodoro, de Lisboa, envia nota de 20\$ e diz: «É certamente uma migalha para as vossas necessidades mas, com a ajuda do Senhor, outras migalhas muito maiores virão dar forma ao Pão do Natal...» É assim mesmo! Todo o pão é formado de migalhas. O do Natal e o de todos os dias, que não pode faltar.

Mais «uma pequenina pedra» de 20\$, para ajudar a subir a Casa Nova. Outro tanto «para uma posta de bacalhau da Ceia do Natal» e o mesmo de Florinda, de Coimbra.

Cheque de 100\$ de um José, de Lisboa. Metade «por alma dos meus queridos, para o Bolo-Rei». 150\$ de Vila Nova de Paiva. Pela «Avó de Moscardes», 3 de 20\$. Julieta, de Viseu, enviou 50\$. Mais 40\$00, «uma pitadinha» de canela.

500\$ do Porto «para a consuada», 20\$ «para uma telha» e roupas. 50\$ de Elvas, «para as rabanadas». 100\$ da assinante n.º 7475 e roupas entregues no Tojal. Outro tanto de Maria José, do Porto. O mesmo para o Bolo-Rei, do Senhor Cônego Martins, de Viseu.

«O Sobrevivente do casal R. D.», de Viseu, presente com 100\$ em 8 de Dezembro, aniversário do seu feliz casamento e 500\$ pelo Natal, mais roupas e revistas.

Recebidas as quotas mensais dos Sócios de Viseu, por intermédio de D. Fernanda Valle. Dos sócios da Caixa de Previdência de Viseu 80\$ mais 112\$50.

Entregues à mão fechada, mais 150\$ por anónimo de Viseu. De Senhora de Viseu, entregues em Casa 250\$. Um casal de Mangualde, que nos

Continua na QUARTA pág.

## COLISEU DO PORTO

2 de Março — às 21.30 h.

Os bilhetes para a nossa Festa estão à venda — Dias úteis: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54; e todos os dias: nas bilheteiras do Coliseu do Porto.



Dentre os muitos valores naturais de que a juventude de hoje se encontra privada, um é a vida em contacto directo com a natureza. Dai o ver-se desapaixada de toda a riqueza de bens que a «mãe natureza» dá ou desperta nas almas dos jovens, em tudo o que tem de belo, simples e até de sobrenatural. Pai Américo antevia bem estes perigos; por isso, quis que a formação de seus filhos se iniciasse em convívio com a natureza, para os purificar de seus males e reajustar os desequilíbrios dos meios em que viviam.

Ora vejam se ele não tinha razão!:

Um destes dias, pelo crepúsculo, fui dar uma volta pelos trabalhos. Ao chegar à vacaria a luz estava acesa. Que vejo eu! Prego (um dos trabalhadores das vacas) sentado na manjedoura, tendo nos seus joelhos a cabeça da «bonita», afagava-a com muito carinho, beijava-a e dizia-lhe coisas ao ouvido. Todo entre-gue aos seus mimos, nem sequer deu pela minha presença. Comtemplei, por uns minutos, aquele quadro tão belo e espontâneo em quem ama o que é seu e retirei-me silenciosamente.

Dias depois a «bonita» brindava-nos com um magnífico bezerinho.

Melhor, então, percebi as ternuras do Prego para com a «bonita».

Prego, nos seus 14 acabados de fazer, começa a perceber o mistério da vida e a amar.

xxx

Temos 3 bezerrinhos que são um amor. Um castanho; outro cinzento escuro; outro (filho da «bonita») é dum cinzento que até apetece lavar com «omo» para ficar mais branco.

Rouxinol (o Maioral cá da



Casa), fez-lhes uma cerca onde eles possam estar à vontade sem estragarem nada.

Era pelo recreio do meio-dia. Estava um sol de inverno mui apetitoso.

Cheguei-me à cerca e que vejo? Deitado em cima de um monte de palha estava o Cabeças; a seu lado, e com a cabeça em cima da do Cabeças, a dum dos bezerrinhos e deitado no outro lado, com a cabeça em cima da do bezerro, um dos nossos «batatinhas». Todos, consolados, dormiam a sesta.

Que pena eu tive de não ter um «Kodak» para fixar este instantâneo de harmonia e simplicidade!

xxx

Um destes dias dei comigo com martelo e pregos na mão a ajudar os tratadores das galinhas a reparar um carro que o seu engenheiro tinha feito dum arca velha.

Eu e eles despregámos e pregámos, cortámos e emendámos tábuas e fizemos um carro, para transportar a comida para os bichos, que é uma «categoria».

No final da obra fiquei a pensar no tempo precioso que tinha perdido.

Reflectindo melhor, achei que, afinal, não tinha perdido tempo. Tinha sim, ganho muito da sua amizade. Ajudando-os em coisas

pequeninas, abrimos caminho para resolver as grandes.

xxx

Cheguei um pouco tarde ao refeitório. A comunidade já tinha comido a sopa. Rezei e sentei-me no meu lugar. Esperei e fartei-me de esperar que Bichuta me trouxesse o caldo. Como não aparecia, levantei-me e fui ver onde se teria metido. Corro cozinha e anexos; nada de Bichuta. Volto ao meu lugar aborrecido. Sentado já, eis que vejo Bichuta, sentado noutro lugar à mesa que não a dele, a olhar-me com ar sorridente e maroto.

Fosse eu o senhor Director, que Bichuta não me «gozava». Mas sou pai e tinha chegado atrasado...

xxx

Hoje, um dos rapazes, já a entrar nos 16 anos, veio ter comigo, antes da Missa, e pediu-me para celebrar por alma dos pais...

Quedei-me a pensar na Fé deste rapaz na Misericórdia do Pai Celeste.

Celebrei como pediu, fazendo, por minha parte, um acto de confiança na sua Fé e pedi ao Senhor que continue a dar a este seu filho, confiança na Sua Misericórdia e lhe aumente aquela generosidade de coração que o levou a amar os que lhe deram o ser, apesar do drama que lhe legaram.

Andasse ele aí ao abandono sem uma Família que o tivesse ensinado a amar e tudo seria diferente!

xxx

Foi num Domingo. No final do almoço o maioral, avisa: — Quem quiser ir ao cinema, a Setúbal, diga, pois o «patrão» paga. Todos, à uma, cravaram os olhos em P.e Acílio; e Rouxinol — o maioral — idem, mas com um certo sorriso cinicozinho.

P.e Acílio, atrapalhado, levanta-se da mesa e exclama: Eu cá não sou patrão, mas... aos das obras do lar que queiram ir, pago».

Ora vejam lá os caros leitores como isto anda cá por Setúbal!

O pior é que P.e Acílio está feito patrão à força, pois tem um jeito especial para obras e para tratar com os Snrs. Engenheiros e Arquitectos. Mais, quando está presente a obra cresce mais rapidamente. Daqui a sua assiduidade na obra e, daqui a razão de ser da «piadinha» do nosso Maioral.

Como comentário só digo, plagiando Pai Américo: Isto é a Casa do Gaiato.

Padre Abraão

# África

Padre Luíz e eu viemos da Metrópole participar da vida das duas comunidades de África e aliviar um pouco a sua cruz. Mandou-nos o desejo de comungar e dar testemunho. Imperativo e necessidade da Obra.

Palpamos que a Obra da Rua está, hoje, presente em Angola com toda a eficiência doutrinária e realizadora possível.

As comunidades de Malanje e Benguela são uma pregação viva e uma realização de amor. A presença dos nossos Padres e dos rapazes responsáveis é um testemunho eloquente da Igreja pobre e serva, mas Mãe, de todos os homens.

Estes já largos dias têm sido um sentir e saborear comum de aflições e alegrias.

Nas duas comunidades encontramos a característica fundamental das Casas do Gaiato — a família: e, achámo-nos no nosso meio. Tão longe da nossa Casa, estamos em Casa!...

O elo de amor que une todos os rapazes sem diferença de cores nasce da família. A palavra de Pai Américo continua viva e vivificante.

«Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão». A mesma unidade e o mesmo espírito irradiam do centro para a periferia. A centena de nativos, ocupados nas nossas obras, campo e oficinas convivem num á-vontade conosco e nós com eles, como os nossos operários na Metrópole.

Tem-me sido enternecedor falar com eles. Há-os crianças. Não em pessoa mas crianças de civilização. É difícil explicar. Só em contacto se pode per-

ceber. Homens com reacções de adulto nascidas de ideias pueris.

Há-os meio evoluídos, com uma execução de trabalho imperfeita, mas com desejo de aperfeiçoamento. E há-os capazes de responsabilidades. Com um ar de encanto! Uma simplicidade apaixonante!... Uma docilidade a tudo o que se lhe pede ou manda!... Atitude que nos espanta e nos interroga, fruto talvez, de um complexo de inferioridade, nascido da percepção fácil da sua condição humilde.

O seu ambiente de viver, habitação, alimento, vestuário, instrução e educação têm de ser tidos em conta neste caminhar para um amadurecimento de civilização. O trabalho com eles e por eles exige naturalidade, lentidão, paciência, compreensão, desculpa exigência e sobretudo amor. É necessário, como com crianças, persistência e sentido de Justiça.

Penso que será este espírito de família, esta fraternidade natural gerada pelo Evangelho nas nossas comunidades, o padrão de um caminho seguro para doarmos a nossa civilização aos Pobres nativos.

Esta Angola encantadora, pujante de beleza e de riqueza, deve ser hoje assunto na pena de articulistas de todas as especialidades. Alimento de que na Metrópole temos fome por me parecer revivificante de patriotismo e de ideal.

A nós interessa o problema humano. É a nossa especialidade. Somos padres da rua. Padres dos Pobres. O nosso assunto são eles!...

Padre Acílio



Cont. da PRIMEIRA página

rosto. A reunião do fim do ano de cada oficina foi discutida e dolorosa. As duas oficinas que habitualmente trabalham para fora deram prejuízo: a Serralharia teve um deficit de dez contos e a Carpintaria andou pelos sete. Procurámos que os rapazes sentissem este prejuízo. A oficina é deles, por eles, para eles. Que não comam o pão por esmola.

No exame que fizemos no fim do ano não vimos bem a causa deste prejuízo, pois executámos todos os trabalhos que nos encomendaram. Só nos parece haver uma causa que é a fraca qualidade das encomendas. Nós fazemos tudo o que pode ser feito em aço, ferro e madeira: portas, janelas, redes, grades, suportes, portões, carros de bois e cavalos, carretas, carritos de mão, tudo o

que se relaciona com a construção civil e com a agricultura. Temos uma clientela muito boa de toda a região, mas são geralmente trabalhos pequenos, pois estamos numa região essencialmente agrícola.

Coimbra podia e devia dar-nos trabalho mas fecha-se. Desconhece-nos. A grande maioria dos seus habitantes nunca nos visitou. Muitos pouco mais fazem do que ter compaixão de nós quando nos encontram na rua. Dar-nos trabalho é mais do que dar-nos pão por esmola. Com trabalho vem pão e a formação.

Queremos trabalhos para a Serralharia e Carpintaria. São vinte rapazes à tua espera nestas oficinas.

Padre Horácio

Visado pela

Comissão de Censura

Teatro Lúcio da Silva — LEIRIA

8 de Março — às 21.30 h.

Os Bilhetes para a nossa Festa estão à venda nas bilheteiras do Teatro.

xxx

TEATRO AVENIDA — COIMBRA

7 de Março — às 21.30 h.

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro.





Mais um casal! Augusto e mulher, após o seu matrimónio.

## PELAS CASAS DO GAIATO

**TURISTAS** — É um encanto ver a nossa aldeia cheia de visitantes na época de bom tempo. Agora que vai começar a estação da Primavera com certeza que muita gente gosta dos encantos da aldeia. Se é uma maravilha ver os campos verdejantes e as plantas cheias de flores nós convidamos as gentes da cidade para virem dar um passeio até Paço de Sousa, esta encantadora terra, tão histórica e tão antiga. Mais acima um pouco, nós esperamos os senhores de braços abertos para verem e sentirem tudo o que vai pela nossa Aldeia.

**ACÁCIAS** — São o encanto da nossa mata e é pena que sejam

tão poucas. Como a nossa mata está a ficar «careca» com certeza que as austrálias sofrem também as consequências. Mas são tão belas e a cor delas é de um amarelo tão vivo, que é uma pena olharmos para a nossa mata e descobrirmos tão pouco a sua beleza.

**FESTAS** — Os dias de encontro entre os nossos amigos e nós vão ser no mês da Primavera.

### Paço de Sousa

Os dias das nossas festas — pelo menos das principais — já saíram à ordem nas colunas do «Famoso». Os outros dias serão marcados quando for possível para esclarecer os nossos leitores e interessados no nosso espectáculo anual. Esperamos que a cidade Invicta nos receba tão bem como nos outros anos. Bem sabem que os nossos artistas se exibem com mais perfeição se virem a casa de espectáculos cheia.

**TIPOGRAFIA** — Esta nossa oficina, apesar de estar sempre cheia de trabalho, não tem deixado ficar mal o Júlio Mendes. Ele suava ao primeiro por causa das festas e, portanto, com menos pessoal para as máquinas, que a oficina não continuava a produzir tanto. Pois pode estar sossegado e os senhores podem mandar para cá encomendas de serviço que nós daqui faremos o resto. Com as nossas Heidelbergs a funcionar na ponta da unha, tudo correrá bem, pois assim o esperamos. Se assim for ficará mestre Mendes satisfeito, ficaremos nós e os senhores nossos clientes também.

José Francisco de Seixas

pazes de se agruparem e depois de se entenderem e de se sacrificarem para virem a ter, num futuro próximo, a sua casa. Os exemplos de uns arrastarão outros. O tempo do namoro é uma época muito propícia para esta espécie de empreendimento, se for bem aproveitado.

Pela experiência que já existe, as irmãs, as noivas, e as mães têm muita influência na vontade dos rapazes em ordem à construção das suas próprias vivendas. Graças a Deus nem todos nem a maior parte dos jovens são tеды-boys. Os rapazes agrupam-se com mais facilidade do que os homens. Já se não diz bem a mesma coisa a respeito do mútuo entendimento e do necessário e indispensável sacrifício. De maneira alguma queremos dizer que os rapazes não sejam capazes de se entenderem e de se sacrificarem. Acreditamos, firmemente, que muitíssimos trabalhadores se agruparão, se entenderão até ao sacrifício, em ordem à construção das suas próprias moradias. Em segundo lugar acreditamos que, a par desses trabalhadores sérios, voluntários, combativos, aparecerão muitos e muitos amigos que os apoiarão, que lhes darão ânimo e os rodearão de um ambiente de compreensão e simpatia. Haverá sempre quem preste justiça a quem trabalhar e quem ajude os que se ajudam a si mesmos. Esse grupo de amigos, composto aliás de pessoas de todas as condições sociais, desde professores da Universidade a criadas de servir, já existe neste movimento. Auto-Construção conta com alguns muito bons amigos. É o momento de

Continuação da SEGUNDA pág.

visitou, deixou 500\$00 e levou muito interesse por Belém.

Os 55\$ mensais, do Pai da Gracinha nunca faltam. Duma Família muito unida, desta cidade, 500\$ mais 250\$, mais 200\$, mais roupas e bolachas. Também o Senhor Simões não tem esquecido a preciosa ajuda de 500\$ mensais, a que se comprometeu.

Anónimo, de Lisboa, sempre presente com a sua contribuição mensal de 250\$, acompanhada de palavras de muita dedicação. Maria Cecília e Marido, de Braga, não esquecem os 50 mensais mas agora

# Belém

veio outro tanto para a consoada.

Duas presenças do Padrinho da Jinha, a quem sou devedora de uma resposta. Helena, de Lisboa, tem enviado os 500\$ mensais e às vezes outro tanto de uma Amiga.

Vale de 385\$, «nosso subsídio eventual». Ass. 33745 enviou 200\$. De Paço de Arcos

50\$ mais duas peças de roupa muito bem lavadas.

Seis vales de 50\$: de Virgínia, de Lisboa; de um Coronel de Felgueiras; de Julieta, de Viseu; de Mariana, do Luso; de Maria Alice, de Taveiro e de Anónima.

Outro de 140\$ da Caixa de Providência de Aveiro e um de 100\$, de Lisboa. Da mesma cidade, outro de 250\$. Raquel do Douro enviou um de 500\$. Outro igual de Alice, de Coimbra e um de 100\$ de Luísa, de Lisboa.

De Paço de Sousa, um de 150\$ e outro de 1.400\$00.

Casal de Viseu enviou uma peça de pano para lençóis.

Duma Fábrica da Covilhã, 25 quilos de lã em fio, que está a dar que fazer às mais novas.

De Ihavo vieram rebuçados.

Alguém de Viseu, que todas nós conhecemos, mas a quem respeitamos o anonimato, enviou deliciosos bolos.

O Senhor Comandante de Infantaria 14 mandou-nos grande quantidade de pão. Foi uma fartura, Senhor Comandante! Quando houver sobras, não esqueça as Belenitas.

Vieram roupas, calçado e brinquedos de Lisboa, Porto, Coimbra, Viseu, Ferreira do Alentejo, Barreiro, Mem Martins, Viana do Alentejo, S. Pedro do Sul, Moçambique, etc. etc.

Assim, depois de postas as nossas contas em dia e de se fazer uma pequenina reserva para os dias não, verificamos que podíamos pôr de parte mais uma prestação de 50 contos, para amortização da nossa dívida, que ficou reduzida a:

170.000\$00  
— 50.000\$00

120.000\$00

Graças a Deus e bem-hajam!

Inês

## MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

E quando ela é desmedida?!  
E quando se alimenta de «sumos» de injustiça?!

x x x

Já uma vez aqui falei da necessidade duma senhora para o nosso lar. Uma senhora que viesse por ambr. Disposta a amar os rapazes e a realizar-se como mãe no meio de filhos

que não têm, nem tiveram o carinho das suas.

Há tantas almas generosas que andam às voltas nas encruzilhadas... e não atinam com o caminho que lhes encheria a alma e a vida de bem!

Um passo em frente. Uma entrega total.

Não falo às mães; já têm a quem se dar. Falo às que não têm família que precise delas.

Padre Telmo

### Teatro Ribeiro Conceição — LAMEGO

13 de Março — às 21.30 h.

Os bilhetes para a nossa Festa estão à venda: no Lar Operário, R. do Teatro, 16 e nas bilheteiras do «Ribeiro Conceição».

x x x

### TEATRO AVEIRENSE — AVEIRO

10 de Março — às 21.30 h.

Os bilhetes para a nossa Festa estão à venda nas bilheteiras do Teatro.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOCAMBIQUE



Quem ouve, pela primeira vez, falar de Auto-Construção acha a modalidade muito interessante, muito útil e muito necessária. Simplesmente, desconfia da sua viabilidade. — Tudo isto está muito bem, dizem generosamente; mas será praticável? Alguns dizem que sim, outros dizem que não e a maior parte duvida. Não se deve estranhar tal atitude. Para acreditar em Auto-Construção é preciso acreditar em duas coisas bem distintas, mas ambas necessárias à finalidade. Primeiro, acreditar que uns tantos, digamos muitos trabalhadores são ca-

se fazer um esforço, não epilético mas ordenado e persistente, no sentido de se multiplicarem os Auto-Construtores no maior número possível de localidades e de aumentar muito o número de seus Amigos. Para tal é necessário um acto de confiança, de fé viva e operante. A doação e o sacrifício andam sempre unidos à fé. Sem essa doação, sem esse sacrifício, nunca e em parte alguma poderá haver Auto-Construção. É a ocasião de acreditar e agir.

Padre Fonseca

### Teatro Jordão — Guimarães

31 de Março — às 21.30 h.

Os bilhetes para a nossa Festa estão à venda no Teatro Jordão.

### Cine Teatro S. Martinho — Penafiel

18 de Março — às 21.30 h.

Os bilhetes para a nossa Festa estão à venda nas bilheteiras do

S. Martinho.